

MOISA APARECIDA DA SILVA

**O PAPEL DO PROFESSOR NA ABORDAGEM DAS QUESTÕES
RACIAIS NA ESCOLA**

BELO HORIZONTE
2016

MOISA APARECIDA DA SILVA

**O PAPEL DO PROFESSOR NA ABORDAGEM DAS QUESTÕES
RACIAIS NA ESCOLA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Claudia Mayorga

BELO HORIZONTE
2016

Silva, Moisa Aparecida da.

O papel do professor na abordagem das questões raciais na escola:
Especialização Em Gênero e Diversidade na Escola / Moisa Aparecida da
Silva. – 2016 48f.

Orientador (a): Claudia Mayorga

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gênero e
Diversidade na Escola como requisito parcial para a obtenção do título de
Especialista.

1. Gênero e Diversidade na Escola I. Mayorga, Claudia II.
Universidade Federal de Minas Gerais.

TERMO DE APROVAÇÃO

Monografia intitulada **O papel do professor na abordagem das questões raciais na escola**, de autoria de Moisa Aparecida da Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Claudia Mayorga (orientadora)
Doutora em Psicologia Social pela Universidade Complutense de Madri – Espanha

Tayane Rogeria Lino
Doutoranda do programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMG

Letícia Cardoso Barreto
Doutora em Ciências Humanas - UFSC

Belo Horizonte, 27 de janeiro de 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me deu força e coragem para vencer mais esse desafio. Agradeço meu pai Lúcio, minha mãe Inês, meus irmãos Ednaldo e Meyre, meu namorado Paulo, amigos e colegas de curso que tiveram paciência em esperar nos momentos de ausência. Agradeço também aos professores da Escola Estadual Doutor Napoleão Salles pela contribuição em minha pesquisa de campo, as tutoras Juliana e Luciana, todos da coordenação do curso e em especial minha orientadora Claudia.

“[...] A formação do educador? Antes de mais nada: é necessário reaprender a falar. Com que instrumentos trabalha o educador? Com a palavra. O educador fala. São as palavras que orientam as mãos e os olhos.”

(Rubem Alves,1984,p.34)

RESUMO

Este trabalho tem como propósito o estudo de significado e sentido de ser professor, a partir das questões étnicas raciais; utilizando conceitos de raça, etnia e racismo, para então debater a democracia racial perante a mudança ocorrida nos currículos com a lei nº 10.639/03. A temática em questão integra de uma pesquisa bibliográfica com procedimentos científicos e levantamentos de dados, passando para uma pesquisa de campo, com o conjunto de dez professores, a qual é possível debater questões que envolvem a interação professor/ aluno e as práticas de preconceito explícito e velado.

Palavras-chave: professor, raça, currículo, lei nº 10.639/03, interação.

ABSTRACT

This work aims to study the meaning and sense of being a teacher, from racial ethnic issues; using concepts of race, ethnicity and racism, and then discuss the racial democracy before the change in the curricula with the law n ° 10.639/03. The issue in question is part of a literature with scientific procedures and data collections, going for a field survey, with the set of ten teachers, where you can discuss issues involving teacher / student and practices explicit and veiled prejudice.

Keywords: teacher, race, resume, law 10.639/03, interaction.

LISTA DE FOTOS

FOTO 1.....32
FOTO 2.....42
FOTO 3.....42

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – RESPOSTA DA QUESTÃO 12	36
FIGURA 2 - RESPOSTA DA QUESTÃO 12.....	36
FIGURA 3 - RESPOSTA DA QUESTÃO 12.....	36
FIGURA 4 - RESPOSTA DA QUESTÃO 12.....	36
FIGURA 5 - RESPOSTA DA QUESTÃO 12.....	37
FIGURA 6 - RESPOSTA DA QUESTÃO 13.....	37
FIGURA 7 - RESPOSTA DA QUESTÃO 13.....	37
FIGURA 8 - RESPOSTA DA QUESTÃO 13.....	37
FIGURA 9 - RESPOSTA DA QUESTÃO 13.....	38
FIGURA 10 - RESPOSTA DA QUESTÃO 13.....	38
FIGURA 11 – FOLDER/FRENTE.....	43
FIGURA 12 – FOLDER /VERSO.....	43
FIGURA 13 - FOLDER/FRENTE.....	44
FIGURA 14 -- FOLDER /VERSO	44

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	31
GRÁFICO 2	33
GRÁFICO 3	34
GRÁFICO 4	35

SUMÁRIO

Introdução	12
1 O sentido de lecionar na atualidade.	14
1.1 Questões históricas no ato de lecionar.	15
1.2 O afeto.....	17
2 Cotidiano escolar e a diversidade.	19
2.1 Sujeitos marcados pela historia.....	20
2.2 Raça e racismo no Brasil.	21
3 Conhecendo a comunidade escolar	25
3.1 Realidade escolar.	27
3.2 Uso de projetos.	39
Considerações finais.	45
Referências	47

INTRODUÇÃO

Na vida sempre há algo novo a se aprender, principalmente como professores; sendo a experiência docente essencial. O professor necessita buscar no autoconhecimento a sua identidade profissional, pois se pode falar que muitas profissões se aprendem na prática; porém a formação não substitui a experiência; há oportunidade de adquirir experiência todo dia, mas com excesso de informação e a grande imposição do mundo às vezes se tem desafios.

A forma que se trabalha a interação professor/aluno deve ser levado em conta tudo que acontece em sala de aula e analisar como a educação já foi levada ontem pra entender o hoje. O profissional da educação tem que saber motivar os alunos e se propor a trabalhar em equipe de forma organizada, definindo o papel de todos os profissionais da comunidade escolar. O professor nesse sistema educacional é aquele que busca a inovação e para o aprendizado isto é muito importante, pois na geração a qual vivemos com tantos meios os quais o aluno é envolvido, como a internet que muitas vezes é usada de forma inadequada, fica difícil terem um aprendizado significativo, mas não impossível.

¹Para tanto a escola é um ambiente propício para que haja socialização a partir da interação entre professores e alunos, dessa forma faz-se necessário a criação de um ambiente prazeroso, que traga segurança emocional, aconchego e respeito às diferenças. Assim, é importante refletir, que não adianta remanejar alunos por causa de suas dificuldades, a escola tem papel de treinamento de vida, viabilizando a história do mesmo, sem discriminação, pois este pode vir a render bons “frutos” futuramente. Procurar trabalhar a autoestima do aluno é gratificante, sendo o professor um mediador que busca envolvimento com os alunos para desempenho dos mesmos.

Através destas afirmações, podemos desenvolver essa questão que tem sido tão debatida no mundo de hoje e assim fomentar relações a qual envolve o professor/aluno. O que se visa é levar o professor a repensar seus conceitos e preconceitos, de forma a construir uma nova visão sobre a questão étnico-racial, levando em consideração que etnia se dá pela agregação de pessoas conscientes e unidas, relacionado pelo compartilhamento de experiências.

Como professora de Língua Portuguesa, das séries finais do ensino fundamental, vejo que o tema diversidade étnico-racial é pouco trabalhado em grande parte das escolas

¹ Nesse momento é escrito em primeira pessoa do singular por se tratar de uma experiência como professora.

estaduais; quando trabalhado limita-se ao Dia da Consciência Negra ou a outras datas comemorativas. Levantar essa abordagem é de fundamental importância como professora, pois muitas das vezes as dificuldades presentes no processo de ensino /aprendizado existem, mas em decorrência da falta de envolvimento do professor o aluno é deixado de lado; o preconceito explícito ou velado e a falta de um trabalho que contemple ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana contribuem para que haja um país racista. Assim, o que leva a discutir tal tema é a falta de iniciativa e informação do professor, sobre as leis vigentes, que determina um currículo que contemple a multiculturalidade.

Para tanto, no primeiro capítulo, será abordado questões relacionadas ao sentido e significado de lecionar, tendo como referência principal Vygotsky. No segundo capítulo há um diálogo sobre os estereótipos de raça e uma abordagem sobre a lei nº10. 639 que tem como intuito de atender às demandas de diferentes realidades socioculturais e valorizar a diversidade sociocultural dentro dos Sistemas de Ensino. No último capítulo é discutida uma pesquisa de campo, realizada em uma escola de Alfenas. Através dessa, feita por meio de um questionário no qual o professor responde sobre questões pertinentes ao ensino e aprendizado do aluno, percebe-se questões fundamentais para a compreensão do ato de lecionar nos dias de hoje, as dificuldades do negro dentro do ambiente escolar e o currículo após a lei nº10. 639 ser sancionada.

1. O sentido de lecionar na atualidade.

As mudanças comportamentais dos indivíduos na sociedade impôs aos professores uma modernização na forma de lecionar, na qual envolve mais flexibilidade e amadurecimento profissional que seja capaz de transformar, modificar e inovar o processo de ensino. O Brasil, hoje, passa por muitos problemas de infraestrutura nas escolas que afetam no desempenho dos professores, estes se consideram o centro das atenções e não se importam com o ensinar. O profissional que deveria envolver o aluno, proporcionar momentos prazerosos de ensino, apenas cumpre a carga horária. “Desta maneira, a educação se torna uma ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”. (FREIRE, 1983, p.39), ou seja, impõe suas ideias sem a contribuição do outro.

Segundo Vygotsky (1989) o desenvolvimento humano depende e é feito pelo outro, sendo a escola meio social que possibilita o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, gerando o maior impacto na vida do indivíduo. Assim entende-se que “a disciplina formal dos conceitos científicos transforma gradualmente a estrutura dos conceitos espontâneos {...} promove a ascensão da criança para níveis mais elevados de desenvolvimento” (VYGOTSKY, 1989, p.100). A escola se torna então um espaço de desenvolvimento, aprendizado, não somente de socialização. Desse modo, “os caminhos do ensino descortinam horizontes para a aprendizagem e esta revela instrumentos e mecanismos para o aperfeiçoamento do primeiro”. (ROMÃO, 2002, p.33).

Lev Semenovitch Vygotsky, nascido em 1896, na Bielo-Rússia, em suas teses, defendeu que o indivíduo como ser histórico é movido pela experiência, que a mudança no indivíduo vem do social e não do biológico, sendo necessária a mediação, relação do indivíduo com o mundo, por meio de instrumentos técnicos. Assim, vale refletir, que é necessário que o professor tenha uma formação humana; não somente técnica e metodológica. Por meio de uma relação dialética é possível entender que os problemas da escola não são os alunos é sim o processo de ensino como é trabalhado. Adicionalmente, o professor deve ter consciência do que quer realmente do aluno, para que haja a internalização dos conteúdos; para tanto, o ato de lecionar deve partir de um significado próprio da palavra ensinar, composta por relações de vivências afetivas.

Baruch Spinoza, grande filósofo moderno do século XVII, tem o afeto como centro dos seus estudos e garante que o materialismo dá condições reais de aprendizado, ou seja, o movimento externo influência na espécie humana, assim o afeto favorece o processo que

induz o aluno ao aprendizado; sentido, que por sua vez acontece pela significação, compartilhamento; ações que potencializam o ser afetado.

Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão. (SPINOZA, 1677, p.106.)

Tendo em vista essa questão, o profissional da educação necessita buscar o sentido de lecionar, entender que na educação “sentido é mais o de recriar continuamente comunidades aprendentes geradoras de saberes e, de maneira crescente e sem limites, abertas ao diálogo e à intercomunicação.” (BRANDÃO, 2003, p.21).

1.1 Questões históricas no ato de lecionar.

Ao longo da História da Educação, variadas foram as representações a respeito do professor. A dúvida era se lecionar podia ser uma profissão ou vocação. Desde a Idade Média, a Igreja Católica se empenhou em difundir que o único mestre foi Jesus Cristo, a qual veio para salvar humanidade; nesta perspectiva o bom mestre seria aquele que se aproximasse ao modelo de Cristo, que se sacrificasse sem pedir nada em troca. O problema, no entanto, aparece quando se expande essa mesma representação aos profissionais da educação.

Ao longo do século XIX consolida-se uma imagem do professor, que cruza as referências ao magistério docente, ao apostolado e ao sacerdócio, com a humildade e a obediência devidas aos funcionários públicos, tudo isto envolto numa auréola algo mística de valorização das qualidades de relação e de compreensão da pessoa humana. (NÓVOA, 1995, p.16)

No Brasil, era muito comum chamar os responsáveis pelas escolas elementares como mestre de primeiras letras, os quais eram contratados por pais de alunos ou comunidades. Posteriormente, estes foram contratados pelo Estado o que significou muito para profissão de docente, no entanto, a entrada do Estado no campo educacional significou a produção da ideia de fracasso das instituições e que o único responsável era o professor. Já no século XX, início dos anos 80, movimentos sindicalistas atuaram para que a docência fosse considerada uma profissão como outra qualquer, deixando de lado a ideia de vocação; pois esta justificava os salários inferiores. (CATANI, 2000)

Seguindo junto à gratuidade e obrigatoriedade, com a Constituição Federal de 1967 o ensino fundamental se estende para oito anos. Em 1988, o ensino obrigatório reconhece o direito público subjetivo, significando ao indivíduo que o acesso à escola propiciaria a

validação de seus direitos. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 4024, de 20/12/1961 há também a exigência da profissionalização dos professores, porém essa formação foi atrelada ao sistema capitalista, a fim de cumprir as exigências estipuladas pelo governo. (LIBÂNEO, 2003)

Por meio da história da educação, os professores hoje, sentem “falta de apoio material e pedagógico e da falta de respeito por parte da direção e coordenação que não valorizam o trabalho” (CUNHA, SIRINO, 2002, p.8), compactuam a ideia que alguns programas oferecidos pelo governo, como a Progressão Continuada piorou a situação educacional.

Bahia (2009) em uma pesquisa feita com a trajetória de alunos do Projeto “Classes de Aceleração”², proposto pela Progressão Continuada, constatou que os professores em sua maioria não são capacitados para trabalhar com esses alunos e a escola propicia um espaço onde no lugar da inclusão há, no entanto a reclusão, o que não propicia uma melhoria no desempenho dos alunos.

Analisando sobre a pesquisa feita por Bahia (2009), foi constatado em uma avaliação que alguns corresponderam ao ensino da mesma forma que os do ensino regular, porém observa-se que muitos dos alunos vinculados à progressão não escrevem bem, falam errado, não interpretam as informações adequadamente mesmo com reforço; fica então a sensação de que alguns professores causaram mudanças e em outros causaram uma ação de afeto triste na vida do indivíduo. Assim, entende-se, que há professores mais envolvidos que outros, muitos respeitam o que o aluno já sabe, agindo positivamente com eles, mas há aqueles que “rotulam” seus alunos como analfabetos, o que os desestimulam. Nota-se a necessidade de que o professor seja não apenas um instrumento de ensino, mas um aproximador do aluno com a escola, para que não ocorra evasão e outros problemas que as escolas enfrentam hoje.

A partir dessa discussão é possível analisar que o sentido de ser professor, por parte de alguns profissionais, foi se perdendo com o tempo, que os problemas históricos culturais da educação infligiram o entendimento do que é lecionar. Nesse pressuposto “o sentido pessoal os vincula com a realidade de sua própria vida neste mundo, com os seus motivos. O sentido pessoal é o que cria a parcialidade da consciência humana.” (LEONTIEV 1978 *apud* REY, 2010, p.11).

² Propiciou aos alunos que foram reprovados e apresentavam alto grau de repetência ou evasão, uma aceleração de aprendizado.

Assim, vale explicar o que é significado e sentido.

O sentido de uma palavra é o agregado de todos os fatos psicológicos que aparecem em nossa consciência como resultado da palavra. O sentido é uma formação dinâmica, fluida e complexa, que tem várias zonas que variam na sua estabilidade. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto da fala. Ele é o mais estável, unificado e preciso dessas zonas. Em contextos diferentes, o sentido da palavra muda. Em contraste, o significado é comparativamente um ponto fixo e estável, ele se mantém estável com todas as mudanças do sentido da palavra que estão associados ao seu uso em diferentes contextos. (VYGOTSKY, 1934, p. 275-276)

Assim, analisa-se que o indivíduo é um ser histórico, sujeito ativo na construção de si mesmo e da própria história. A mudança no sistema educacional, então, vem do social, de uma interação de cada pessoa, de uma experiência pessoalmente significativa. A representação do que é ser professor deve ser dialética, transformada pelo sujeito. Com isso, o aluno vê perspectivas de aprendizado, pois o movimento externo influencia a espécie humana, “... na ausência do outro, o homem não se constrói homem...” (VYGOTSKY, 1988, p. 235)

1.2 O afeto.

Abordando o desenvolvimento histórico cultural, Vygotsky (1934 *apud* OLIVEIRA, 2005) afirma que é de suma importância à interação, sendo a mediação ação social, que por meio de um condicionamento induz ao aprendizado. O afeto nesse pressuposto vai favorecer a interiorização, ou seja, ao intelecto, adaptações às novas condições propostas; aprendizado.

A emoção, assim, se relaciona com questões biológicas ao comportamento humano, sendo a afetividade algo mais amplo, desenvolvida por meio de vivências e formas de expressão. Essa afetividade acontece de forma subjetiva revelando como cada pessoa é. Assim, segundo Wallon (1978 *apud* TASSONI, 2000 p.5), a afetividade desempenha um papel essencial no desenvolvimento da inteligência, o que determina interesses e necessidades individuais. Assim:

Se o corpo humano é afetado de uma maneira que envolve a natureza de algum corpo exterior, a mente humana considerará esse corpo exterior como existente em ato ou como algo que lhe está presente, até que o corpo seja afetado de um afeto que exclua a existência ou a presença desse corpo (SPINOZA, 1677/2008, pp.107-108).

Segundo SPINOZA (1677), desse modo, os encontros produzem afetos paixões e afetos ações, nesse pressuposto para ser um bom professor não basta ter somente paixão pela profissão, pois esta imobiliza. Para ter a realização como profissional é necessário afetos ativos que propiciem ações, produzindo desejo de aprender. Para tanto, deve-se pensar, que

para isso acontecer é importante o docente ter uma síntese subjetiva das situações externas, atuar como portador de uma personalidade consciente, pois essa atividade permite uma comunicação com o meio. (REY, 2001)

2 Cotidiano escolar e a diversidade.

Inserido em seu grupo como: família, religião, estado, cidade etc., o indivíduo na sociedade sempre teve como objetivo a sua importância, apesar das diferenças. É nos dias de hoje que percebemos então o grande valor que se dá à pessoa única e como igualdade e diferença são duas vertentes que merecem o estudo.

Tendo como foco as escolas, vemos que o sentido de igualdade apresenta barreiras, pois o que é instituído pela sociedade se fala mais alto, exemplos claros é a inclusão de alunos diagnosticados com algum distúrbio, há a discussão sobre o tema em reuniões e vários seminários, mas pouco é feito para que esse aluno seja inserido a comunidade escolar.

Há várias leis e decretos, questões burocráticas que envolvem os direitos de negros, mulheres, crianças, adolescentes, idosos; mas o que vemos é uma cidadania caracterizada pela ausência de um bem comum, uma “democracia radical”. Para Émile Durkheim (2007) a cidadania é uma questão de organização social, cumprir suas obrigações e ter integração junto às práticas sociais, levando em conta leis e a moral vigente pela sociedade. Pensando nessa concepção entende-se que é necessário o princípio moral da igualdade e liberdade, a cidadania, sem renunciar a liberdade individual, dentro da pluralidade identificada em cada indivíduo.

Refletir sobre o multiculturalismo se faz necessário. Analisar o comportamento humano, o indivíduo e sua carga cultural, o respeito e a tolerância à diversidade é valorizar a diversidade étnica e cultural em nossa sociedade, incluindo valores e questionando todo tipo de discriminação existente. Deve-se combater o etnocentrismo, pois cada sociedade tem sua identidade própria e essa prega valores, regras e códigos de conduta.

Para isso temos alguns desafios, pois a democracia hoje não está preparada para o reconhecimento do multiculturalismo, há discriminações em todos ambientes, seja ele racial, econômico, gênero etc. Na escola deparamos com várias situações, o menino que mora na zona rural a qual é chamado de “roceiro”, o que mora na periferia da cidade e que é julgado como perigoso, o negro que na maioria das situações de conflitos é dado com bandido, traficante. Vive-se na maioria dos momentos um mundo de aparências, onde a camada social dominante aproveita das situações, mantém a ignorância e preserva seus privilégios.

Pierre Bourdieu (1966) aborda em seu livro “Os excluídos do interior” que a cada dia mais alunos são desprovidos de um ponto de vista cultural; nos anos 50 o ensino secundário passou por uma estabilidade ,na qual crianças de famílias culturalmente desfavorecidas sofreram a eliminação precoce e brutal ;a escola apoiava dons e méritos dos “eleitos”, rejeitando os “outros” que conseqüentemente eram desprovidos de cultura e estigmatizados pelo seu passado.

Transformar essa situação alarmante não é papel exclusivo da escola, mas de todo o mundo. Cabe a escola formar um indivíduo preparado para democracia, em uma formação que possibilite ter um senso crítico nos vários âmbitos que envolvem o cidadão. Para tanto não deve haver uma resignação “encantada” da educação, pois para muitos alunos a vida se encontra fora da escola e não dentro dela, exemplo disso é o uso dos fones de ouvido em sala de aula.

A diversidade assim é um assunto que deve ser debatido a todo o momento por toda comunidade escolar. É preciso estar consciente de nossos vínculos culturais, sendo capazes de tratar nossos alunos como pessoas subjetivas, alicerçadas por respeito e não determinadas pelo senso comum. A sociedade sempre insistiu que a escola é feita para seguir um padrão da sociedade, porém se houver uma reflexão para que mude a concepção de perfeição e de igualdade há possibilidade de respeito entre o conhecimento e cultura, conseqüentemente se terá a tão sonhada inclusão e não apenas uma integração do diferente dentro do ambiente escolar.

Para tanto, direcionar esse diálogo a questão étnica racial se faz necessário conhecer a história perpassada pelos negros que aqui viveram no Brasil.

2.1 Sujeitos marcados pela historia.

As grandes respostas para questões que envolvem o abandono e condições precárias educacionais da população negra são fatos recorrentes a história, desde a Lei do Ventre Livre na qual caso tivesse abandono por parte de seus senhores, eram então encaminhados instituições que serviam para abrigar as mesmas. Essas instituições muitas vezes não tinham iniciativas governamentais e algumas nunca receberam uma criança sequer.

Esta situação de abandono, porém não foi superada e por volta do século XIX foram criados os cursos noturnos tendo a obrigatoriedade do ensino dos 7 aos 14 anos permitindo assim que os escravos frequentassem as escolas públicas. Os cursos poderiam ser criados por

instituições particulares ou públicas e os alunos de fato participaram destas atividades escolares. Estas atitudes de inclusão tiveram âmbito universal e de uma forma de outra tinha seus interesses abolicionistas, partido por ideias daqueles que eram abolicionistas e republicanos.

Após a Lei Áurea os negros se viram lançados à própria sorte, não foram beneficiados com o acesso de toda a educação durante muitas décadas. A igreja neste sentido em 1988, por ocasião do Centenário da Abolição da Escravatura, buscou-se recuperar e evangelizar como artifício de defesa dos oprimidos. É neste sentido que a igreja católica teve um papel muito importante na conversão de muitos negros, na qual foi firme em sua posição de batizar os negros, mas em muitas vezes para os senhores este ato tanto fazia, pois os mesmo continuavam escravos.

Voltado para o lado educacional é fato falar que mesmo com estas iniciativas não há registros de leitura dos evangelhos ou algo ligado ao fim educacional já que a escrita era inacessível aos negros. Neste pensamento os leigos ligados a conversão dos negros não ficavam atrelados ao Novo Testamento ou mensagens do Cristo Revelado, mas com os santos e com a Virgem Maria. A irmandade entanto pode-se falar que se dividia entre senhores e escravos e a mesma surgiu para suprir as necessidades associativas dos negros, sendo criado verticalmente pelo Estado Português, uma forma de separar as igrejas dos brancos da igreja dos negros. Havia ainda irmandades compostas por maioria africana na qual disputava com outras irmandades de negros nascidos no Brasil.

Retomando a educação é valido destacar que dentre a metade do século XIX e inicio do século XX houve pouca contribuição a escolarização dos negros ,mas em contrapartida fez que preservasse as tradições africanas. A partir da cidadania os negros aprenderam a lutar contra o preconceito buscando assim por iguais oportunidades de educação e trabalho.

No inicio do século XX a educação aos negros foi ampliada movido por revoltas e rebeliões que dominaram praticamente o período da escravidão negra no Brasil. O negro então lutava pelos seus direitos combatendo com a mesma arma do branco: cultura e instrução. É nesta concepção que se comprova esta luta por oportunidades iguais aos negros e brancos, proporcionando trabalhos dignos e que pudesse ser veiculo de ascensão social.

2.2 Raça e racismo no Brasil.

Ao falar em raça conceitua-se que o termo sofra certo incômodo, pois a sociedade brasileira acredita que esteja relacionado à hierarquização social ou até que seja a “raça de

algum animal”, e não a referência a algum grupo social, como negros, brancos, indígena etc. Segundo o Dicionário Aurélio (1999), o conceito de raça refere-se ao:

Conjunto de indivíduos cujos caracteres somáticos, tais como a cor da pele, a conformação do crânio e do rosto, o tipo de cabelo, etc., são semelhantes e se transmitem por hereditariedade, embora variem de indivíduo para indivíduo. (FERREIRA, 1999, p. 1695)

No entanto, observa-se, que o termo raça, segundo Guimarães (2005), tem uma relação política por definir crenças e práticas sociais; parte de uma construção social, política e histórica e não como uma realidade biológica. Já o termo etnia, nesse pressuposto, poderia se tornar substituto de raça; Cashmore(2000) defende que etnia se dá pela agregação de pessoas conscientes e unidas, relacionado pelo compartilhamento de experiências, tendo uma ligação intrínseca com raça. Assim, etnia é:

[...]um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território” (MUNANGA, 2003, p. 12).

A categoria “raça”, então, é pertinente não por sua dimensão realista, mas pelo potencial político da categoria em apontar o caráter histórico específico de determinadas crenças e práticas de discriminação social e, ainda, pela possibilidade de reconstrução do termo no tratamento crítico das mesmas ideologias opressivas que se fundaram na construção da ideia de raça. Por meio dessa intitulação temos o racismo conceituado pela superioridade de certas raças humanas sobre as demais, considerando caracteres físicos, morais e intelectuais que as distinguem, criando um apego excessivo a uma determinada raça. Incluindo não só negro nessa vertente, mas qualquer e toda raça.

Para tanto, quando o assunto é democracia racial e mestiçagem o currículo escolar destorce certos conteúdos ,segundo Gomes (2002, p.102), há um “empobrecimento do caráter conteúdista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos.” Ficam as indagações: será que a única possibilidade de ensinar a história da abolição é citando a Princesa Isabel e a promulgação da Lei Áurea? Ou o mesmo conteúdo pode ser entendido como um longo processo, no qual muitos negros e negras lutaram para que a escravidão fosse abolida?

Nessa linha de raciocínio não há como declarar a raça de um indivíduo apenas pela "cor" da sua pele, fazer essa prática é reforçar os estereótipos que tanto almejamos destruir. Os riscos de se criar novas formas de preconceitos e discriminações ao tentar reparar erros históricos de maneira simplista, é muito grande. Não se inclui "um" excluindo o "outro". É importante entender que se vive e em um país com grande diversidade racial e que existe lacunas nos conteúdos escolares, seja nas questões históricas, culturais, geográficas, linguísticas e científicas.

Segundo Gomes (2012) há alguns projetos para formulação de políticas e formação de professores para a escola, mas falta diálogo entre a realidade sociocultural e o currículo, o que se torna difícil a relação entre desigualdades e diversidades no espaço escolar. Para Silva (1995 *apud* ROCHA; TRINDADE 2010, p.56), no que se refere ao currículo escolar, há falta de conteúdos ligados à cultura afro-brasileira, mostrando a importância desta população na construção da identidade brasileira, não só como dado folclórico ou datas comemorativas, mas na busca de compreensão no que se diz a respeito às diferenças.

Desde 2003, com a sanção da lei 10.639, o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana se tornou obrigatório nas escolas de todo o país, com o intuito de atender às demandas de diferentes realidades socioculturais e valorizar a diversidade sociocultural dentro dos Sistemas de Ensino. Foi no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 3 de janeiro de 2009, que a lei nº10. 639 foi sancionada, essa lei instituiu a obrigatoriedade da inclusão do ensino da História da África e da cultura afro-brasileira nos currículos de estabelecimentos públicos e particulares de ensino da educação básica. A decisão ocorreu diante da necessidade de debates sobre a pluralidade cultural que caracteriza o Brasil e de reflexões sobre o papel do negro na formação da cultura brasileira.

Além de aspectos educacionais, a lei nº10. 639 estabelece que o dia 20 de novembro deve ser inserido no calendário escolar como Dia Nacional da Consciência Negra. Dizendo que este dia foi escolhido em homenagem à morte de Zumbi, que nasceu no estado de Alagoas no ano de 1655 e foi um dos principais representantes da resistência negra à escravidão na época do Brasil Colonial, se tornando líder do Quilombo dos Palmares. Enfatizar aos alunos que o dia da consciência negra é marcado pela luta contra o preconceito racial, contra a inferioridade da classe perante a sociedade. Além desses assuntos, destacar o respeito que dever ser designados aos negros enquanto pessoas humanas.

Diante das diretrizes dos PCNs a escola deve contribuir para a construção da igualdade com ações que tragam à tona a questão da diversidade cultural, mostrando a comunidade escolar e a sociedade que as diferenças estão presentes entre nós e que precisamos mais do que nunca compreender, conhecer, respeitar e valorizar as diferentes culturas. O papel da escola nesse sentido é combater qualquer preconceito discriminatório, na desconstrução das hierarquias entre as culturas, no reconhecimento e resgate da história e cultura afro-brasileira e africana, proporcionando condições para construção da identidade étnico-racial brasileira. O papel do (a) professor(a) é ser mediador de aprendizagem, na educação das relações étnico-raciais. O estudante nesse processo educacional é o sujeito que vive e convive com situações de igualdade com pessoas de todas as etnias, observando a história do seu povo resgatada e respeitada.

Trabalhar igualmente essas diferenças não é uma tarefa fácil para o professor, porque para lidar com elas é necessário compreender como a diversidade se manifesta e em que contexto. Portanto, pensar uma educação escolar que integre as questões étnico-raciais significa progredir na discussão a respeito das desigualdades sociais, das diferenças raciais e outros níveis e no direito de ser diferente, ampliando, assim, as propostas curriculares do país, buscando uma educação mais democrática brasileira e que devem ser reconhecidos e respeitados.

3 Conhecendo a comunidade escolar

Para aprofundar a ideia da relação professor/aluno dentro da diversidade e analisar como a escola trabalha depois da criação da lei 10.639 ,foi realizada uma pesquisa de campo na Escola Estadual Dr.Napoleão Salles com 10 professores de diferente áreas das séries finais do ensino fundamental e médio ,em Alfenas .

A Escola Estadual Doutor Napoleão Salles atende Ensino Fundamental e Médio,está situada a Rua Thiago Barbosa Paes, n. 152, bairro Vista Grande, Alfenas. Criada em 1986, é uma escola que está em mudança de nível, deixando de ter as séries iniciais do ensino fundamental (1^a. a 4^a. Série), passando para 5^a. A 8^a e ensino médio regular e a EJA (educação de jovens e adultos). A escola atende atualmente os bairros: Vila Esperança, Jardim Primavera, Campos Elísios, Vila Promessa, Itaparica, Jardim São Carlos e Jardim Eunice. Estão matriculados quase 1200 alunos divididas em 33 salas nos períodos manhã, tarde e noite, contando com aproximadamente 105 funcionários ao todo. O espaço físico é extenso, porém limitado em algumas questões. Não possui quadra esportiva e o espaço físico não é reformado há anos e precisa de muitas melhoras.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição mostra que o papel da escola na comunidade em que está inserida leva à reflexão sobre a prática pedagógica e redefinição de todos os segmentos, idealizando uma escola de qualidade, valorizando o crescimento individual. As dimensões política, pedagógica e administrativa se articulam mediante as políticas públicas educacionais e as propostas pedagógicas desenvolvidas na unidade de ensino, bem como propor, assessorar, acompanhar, orientar, avaliar e controlar os processos educacionais, visando uma educação de qualidade que atenda a todos juntamente com a equipe gestora, fazendo cumprir as políticas educacionais nas dimensões: municipal, estadual ou federal.

O currículo apresentado pela instituição possibilita que professores e estudantes construam uma relação de diálogo entre as diversas áreas de conhecimento, trazendo assim conhecimentos significativos para todos envolvidos no processo de ensino aprendizagem. Propicia ainda o desenvolvimento pessoal do aluno, promovendo aprendizagens específicas, tendo como objetivo o plano de ação mais propício para cada situação. A escola apoia-se em três aspectos: objetivos de ensino, orientação metodológica e clareza dos conteúdos básicos.

A comunidade escolar está sempre presente e o Projeto Político Pedagógico (PPP) dá abertura para participação da mesma. Há pais que participam do colegiado e alunos que estudam de manhã e prestam serviço voluntário à tarde, em ajuda a alunos com dificuldades. As ações são então previstas e atualizadas de acordo com o andamento da escola. As reuniões pedagógicas acontecem toda quinta feira com duração de duas horas, contando com a participação de todos os professores, supervisora e vice-diretora. A reunião é ministrada pela supervisora, nesta perspectiva é decidido o planejamento e realizações de atividades de forma coletiva. Há discussões para diagnosticar o desempenho dos alunos em relação às avaliações e há elaboração de novas estratégias para atender os alunos dentro de suas necessidades.

A maioria dos professores tem formação de acordo com área que leciona, tendo oportunidades de participar de cursos de formação continuada e pós-graduação através da Universidade Aberta do Brasil (UAB), Universidade José do Rosário Vellano (UNIFENAS) e Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL). Assim, estudam como lidar com os adolescentes, como usar diversas tecnologias, como trabalhar como projetos, dentre outros. Possuindo ainda um acervo de livros, revistas, vídeos da TV Escola para formação dos profissionais.

O planejamento é anual, elaborado de forma coletiva pela equipe de professores junto com a coordenação. Em função dos diferenciados ritmos de aprendizagem dos alunos, o planejamento é revisto e ajustado semanalmente ou quinzenalmente pela equipe. O planejamento está ancorado em orientações como as previstas na LDB, PCN, CBC e outras orientações legais.

Assim sendo, no dia 15 de dezembro de 2015, os professores da Escola Estadual Doutor Napoleão Salles, que lecionam nas séries finais e ensino médio, responderam um questionário; para uma reflexão frente às questões que envolvem a relação professor/aluno e a lei 10639/03. Para tanto, com consenso da equipe diretiva, foi feita uma reunião, com duração de 1 hora, na qual foi apresentado o curso de Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). De imediato houve um interesse pela temática, porém, como o ano letivo iria se encerrar nos próximos dias, alguns julgaram estarem ocupados para fechamento de notas, limitando o total de professores pesquisados para 10. Esses profissionais, de 23 a 60 anos, com formação em Biologia, História, Letras, Matemática e Geografia, na sala dos professores, responderam os questionários, no entanto, alguns se

sentiram incomodados em justificar parte das questões, por terem que transcrever sua prática docente, o que dificultou a análise de dados. Mas, é importante salientar, que muitos descreveram sua realidade, fomentando a pesquisa.

3.1 Realidade escolar.

O instrumento usado para pesquisa, como falado anteriormente, partiu de um questionário, tendo como perspectivas a discussão da interação professor/aluno e a diversidade de discentes presentes na escola, principalmente racial; dialogando as potencialidades e necessidades de aperfeiçoamento profissional, a fim de deixar de lado os estereótipos fixados pelo senso comum. Para tanto, a partir da revisão teórica e fichamento do texto “Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos”, da autora Nilma Lino Gomes ,professora que se destaca nas lutas de igualdade racial ,foi elaborada esta investigação da seguinte forma:

Questionário nº: _____

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA - UFMG

Professor (a) você está recebendo um questionário com perguntas destinadas a uma reflexão sobre o ato de lecionar junto à diversidade étnico racial. Leia as perguntas com atenção e marque somente uma alternativa correspondente ao seu posicionamento em cada questão. Sua identidade será preservada e somente suas repostas serão utilizadas como análise para o trabalho. Ao fim das perguntas você será convidado a se identificar por meio de sua assinatura somente como forma de validar sua participação voluntária nessa pesquisa.

1. Ao longo da História da Educação, variadas foram as representações a respeito do professor. Para você lecionar é:

A-()profissão

B- ()vocação

C (outro): _____

2. Você acredita que atualmente o professor seja um aproximador do aluno com a escola para além de um instrumento de ensino?

A-()Sempre

B-()Muitas vezes

C-()Poucas vezes

D-()Raramente

E-()Nunca

3. Em sua escola você percebe dificuldades de aprendizado entre alunos?

A-()Sempre

B-()Muitas vezes

C-()Poucas vezes

D-()Raramente

E-()Nunca

Porque?

4. Em sua escola você percebe dificuldades de aprendizado entre os alunos mais pobres?

A-()Sempre

B-()Muitas vezes

C-()Poucas vezes

D-()Raramente

E-()Nunca

Porque?

5. Em sua escola você percebe dificuldades de aprendizado entre alunos negros?

A-()Sempre

B-()Muitas vezes

C-()Poucas vezes

D-()Raramente

E-()Nunca

Porque?

6. O que você considera que influencia mais na relação ensino/ aprendizado de seus alunos?

A-() Condição sócio-econômica

B-()Cor/Raça

C-()Gênero

D-()Apoio familiar

E-()Condições gerais da escola

F () Outro: _____

7. Pesquisas apontam que a classificação racial das crianças é influenciada pela presença ou não de problemas relacionados ao aprendizado ou disciplina na escola. Esse fato cria uma forte articulação entre alunos negros e dificuldades na escola. Para você a classificação racial dos alunos tem como referência seu desempenho escolar?

A-()Sempre

B-()Muitas vezes

C-()Poucas vezes

D-()Raramente

E-()Nunca

8. A cultura negra, as questões de gênero, as lutas dos movimentos sociais e dos grupos populares são temas abordados em sua escola:

A-()Sempre

B-()Muitas vezes

C-()Poucas vezes

D-()Raramente

E-()Nunca

Como?

9. Você acredita que a escola contribui na construção de uma sociedade antirracista?

A-()Sempre

B-()Muitas vezes

C-()Poucas vezes

D-()Raramente

E-()Nunca

Porque?

10. A formação de professores/as auxilia o docente a saber de como lidar com a diversidade cultural e étnico-racial em sala de aula?

A- () Sempre

B- () Muitas vezes

C- () Poucas vezes

D- () Raramente

E- () Nunca

11. Houve alguma mudança em sua prática pedagógica mediante a inserção legal (lei 10639/03) do trato da diversidade cultural e étnico-racial nos currículos?

A- () Sempre

B- () Muitas vezes

C- () Poucas vezes

D- () Raramente

E- () Nunca

Como?

12. Quais suas dificuldades e desafios em relação a lidar com as questões étnico-raciais em sua prática docente?

13. O que você acredita que já foi alcançado, no âmbito educacional, como forma de construção de igualdade racial?

Obrigada pela sua colaboração. Moisa Aparecida da Silva

Termo de Consentimento: Eu....., declaro tendo sido convidado(o,a) a participar como voluntário(o,a) do estudo desenvolvido por Moisa Aparecida de Silva. Manifesto ter recebido todas as informações relativas ao estudo assim como a garantia de as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa.

Data: ___/___/2015

Ass: _____

I – Relação professor/aluno

Na primeira parte, foram abordados os conceitos trabalhados no primeiro capítulo, assim, assuntos como o sentido e o significado de ser professor faz um nexo entre afeto e o processo de ensino/aprendizagem. Como questionamento dessas representações, os entrevistado determinam que lecionar é:

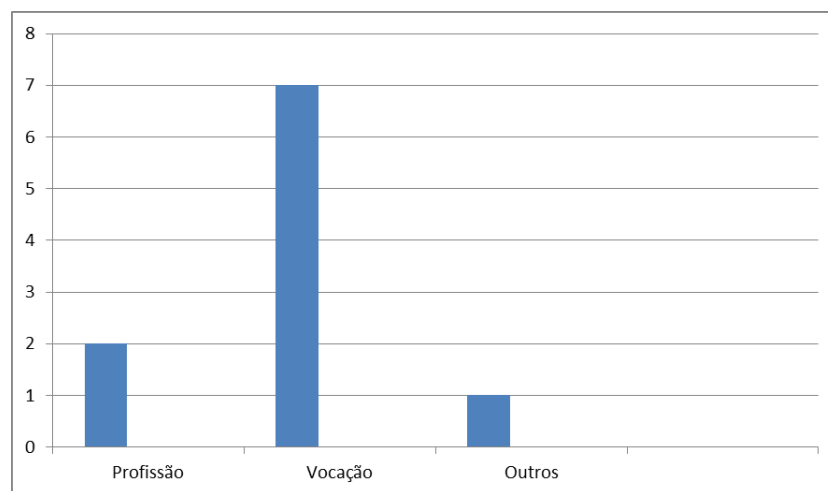
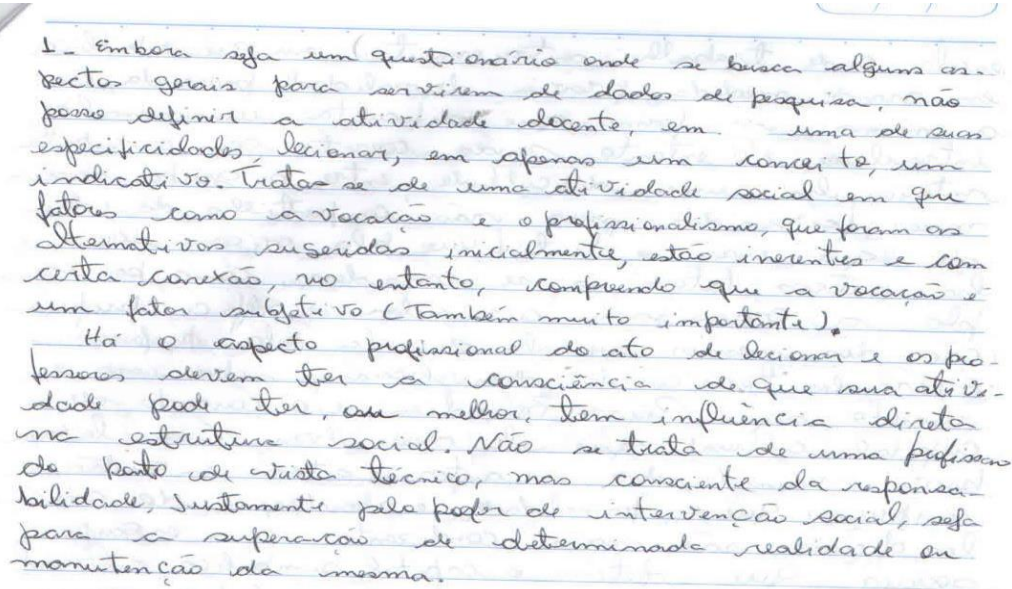


Gráfico 1

Observa-se, então, que 2 professores acreditam que lecionar é uma profissão, sendo que a maioria opina por uma questão de vocação. Tal interpretação tem cunho histórico, como foi dito no primeiro capítulo; mas é interessante analisar que dentro do contexto escolar o salário em alguns momentos é assunto em pauta. Dois comentários são pertinentes a essa questão:



1. Embora seja um questionário onde se busca alguns aspectos gerais para servirem de dados de pesquisa, não posso definir a atividade docente, em uma de suas especificidades, lecionar, em apenas um conceito, um indicativo. Trata-se de uma atividade social em que fatores como a vocação e o profissionalismo, que foram as alternativas sugeridas inicialmente, estão inerentes e com certa conexão, no entanto, compreendo que a vocação é um fator subjetivo (também muito importante).
Há o aspecto profissional do ato de lecionar e os professores devem ter a consciência de que sua atividade pode ter, ou melhor, tem influência direta na estrutura social. Não se trata de uma profissão do ponto de vista técnico, mas consciente da responsabilidade, justamente pelo poder de intervenção social, seja para a superação de determinada realidade ou manutenção da mesma.

Foto 1

Legenda – “Embora seja um questionário onde se busca onde se busca alguns aspectos gerais para servirem de dados de pesquisa, não posso definir a atividade docente, em uma de suas especificidades, lecionar, em apenas um conceito, um indicativo. Trata-se de uma atividade social em que fatores como vocação e o profissionalismo, que foram as alternativas sugeridas, estão inerentes e com certa conexão, no entanto, compreendo que a vocação é um fator subjetivo (também muito importante). Há o aspecto profissional do ato de lecionar e os professores devem ter a consciência de que uma atividade pode ter, ou melhor, tem influência direta na estrutura social. Não se trata de uma profissão do ponto de vista técnico, mas consciente da responsabilidade, justamente pelo poder de intervenção social, seja para a superação de determinada realidade ou manutenção da mesma.”

C (outro): POD FAZER O QUE GOSTO, ENTENDO QUE É VOCACÃO. ESTO ME GARANTE ECONOMICAMENTE, AÍ EU ENTENDO COMO 'PROFISSÃO'.

Foto 2

Legenda - “Para fazer o que gosta, entendo que é vocação. Este me garante economicamente, aí eu entendo como profissão.”

É importante destacar nessas falas a palavra “subjetividade”, pois é necessário o querer ser professor e não simplesmente estar apto nas questões técnicas aprendidas na faculdade. Ter o profissionalismo é ir além da matéria a ser ensinada e perceber as dificuldades existentes na sala de aula.

Já a questão 2 vem questionar a o exercício do professor aproximador ; nota-se que 6 dos entrevistados acreditam que a escola é sempre algo além de instrumento de ensino, nesse pressuposto educador e educando têm sua interação no processo educativo, visto que o

primeiro tem responsabilidade de orientar o educando fazendo que o mesmo avance de forma estimuladora. Com isso se vê a importância da relação professor e aluno.

Passando para a próxima pergunta há o questionamento sobre as dificuldades de aprendizado entre alunos, na qual houve 6 respostas para muitas vezes; dentre as justificativas chamaram a atenção a deficiência dos ciclos, o desinteresse familiar e o nível cultural dos alunos. Sobre essa questão é interessante citar que grande parte dos alunos vem de um grupo social desfavorecido, o que vai refletir nas repostas dos próximos questionamentos.

II-Raça e questões econômicas

Seguindo a pesquisa, há uma discussão do fracasso escolar entre alunos pobres e negros; tais indagações tem como proposito analisar a participação do professor no processo de ensino/aprendizagem e diagnosticar os preconceitos explícitos e velados em seu âmbito profissional. Em consonância, é possível observar o grau de dificuldades para o aprendizado entre os alunos mais pobres pelo seguinte gráfico:

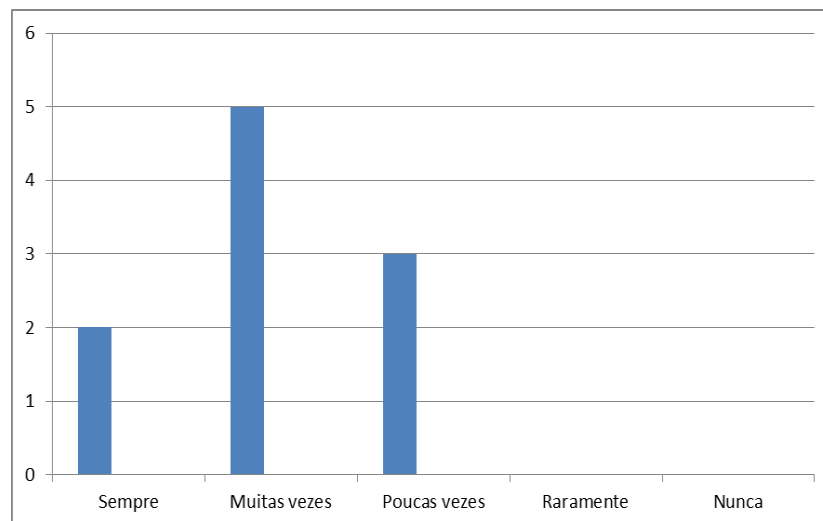


Gráfico 2

Pela descrição da escola em que os professores entrevistados trabalham pode-se perceber que muitas vezes os alunos de classe social mais pobre têm dificuldades no aprendizado. Nessa perspectiva é interessante citar Pierre Bourdieu (1966) que defendeu que a ideia de escola serviria para quem tinha dinheiro e que a frequência da mesma não resolveria a falta de cultura dos cidadãos.

Analisando esse contexto e passando para uma abordagem do capítulo 2 ,em “Sujeitos marcados pela história” , analisa-se, então, que boa parte dos negros apresenta uma condição social pobre, sofrem com estereótipos da sociedade local; vivem nas margens das cidades e participam de um grupo menos favorecido. A partir desta avaliação surge o questionamento de quando é que se percebem as dificuldades de aprendizado entre alunos negros.

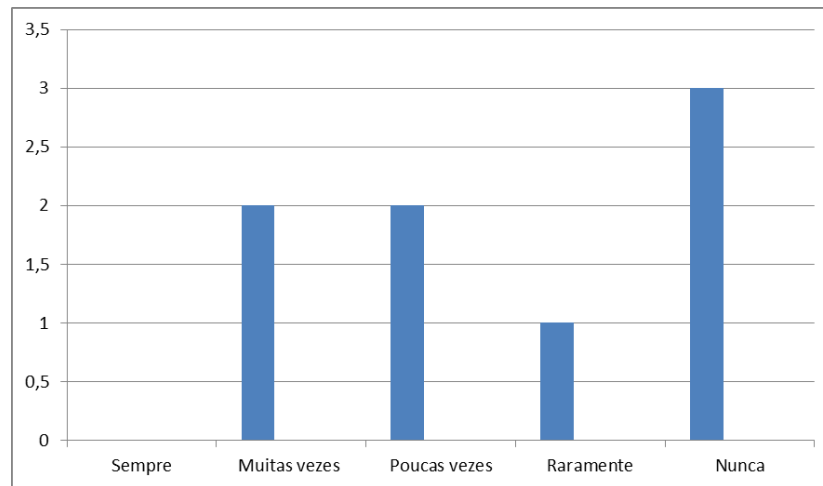


Gráfico 3

Assim, pelas respostas, percebe-se que o grupo de professores fica em dúvida sobre a real dificuldade de aprendizado dos alunos negros que acumulam uma história de rejeição social local ao longo do tempo. Analisa-se neste ponto, que há problemas curriculares que não acabou com a heterogeneidade brasileira da forma como deveria, ao contrário, colaborou para a manutenção do quadro social, já que a educação não ganha muito significado para esses grupos e até mesmo para muitos professores que nem sempre se preocupam em fazer uma releitura do seu meio de atuação e se organizar de forma condizente. Em uma pesquisa CARVALHO (2003) observa que “59% das crianças percebidas como negras {...} apresentavam algum tipo de problema escolar {...} a coincidência entre raça negra e problemas escolares é muito mais intensa que na autoclassificação dos alunos.”.

Tendo em sequência a questão 6, que busca relacionar a influência do aprendizado a questões econômicas , cor/raça, gênero, apoio familiar e condições gerais da escola a resposta recorrente foi apoio familiar ,pois como um dos entrevistados argumenta “o conceito família está se modificando e a função de delegar ordens e apoiar está se perdendo. ”Passando para próxima pergunta sobre a classificação racial e o desempenho escolar houve 7 votos para nunca ,o que pode demonstrar uma preconceito velado, já que há fatores históricos em que as pessoas autodenominam conforme convicções culturais originárias.

III – Medidas praticadas após a lei 10639/03

Para o fechamento da pesquisa, houve a intenção de diagnosticar se o professor trabalha em suas aulas o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana; unindo a ideia de professor aproximador, defendida no primeiro capítulo, com a perspectiva da diversidade étnico racial existente na comunidade escolar.

Assim foi observado que para questões 8 e 9 os entrevistados ficaram nas respostas sempre e muitas vezes, dentre as justificativas foi citado o uso de projetos como a construção de uma sociedade antirracista ,pois por meio dessas atividades os alunos se respeitam independentemente da diversidade .Um comentário interessante foi de um professor de História que destacou sua prática no cotidiano escolar ,julgou que muitas vezes alguns professores levam na “brincadeira” alguns apelidos racistas ,analisando esse ponto entende-se que essa prática colabora para a construção da discriminação, é importante ,nesse aspecto, abordar a diversidade colaborando para construção de uma vida conjunta e harmônica.

Sobre a formação pode-se perceber opiniões distintas, 4 para sempre,3 para muitas vezes,1 para poucas vezes e 2 para nunca. Nesse pressuposto, reflete-se a próxima questão, que busca analisar as mudanças das práticas pedagógicas mediante a inserção legal (lei 10639/03) do trato da diversidade cultural e étnico-racial nos currículos.

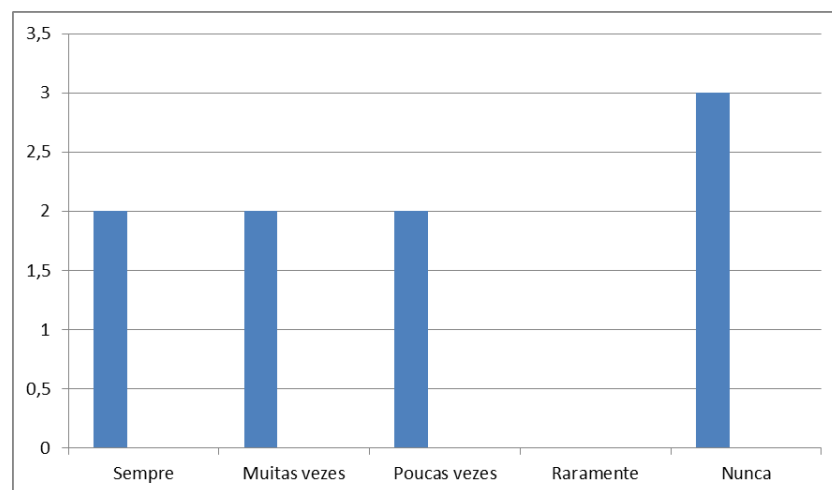


Gráfico 4

Percebe-se opiniões divididas, uma hipótese para isso seria porque a entrevista aconteceu com professores de diferentes idades, aos que começaram a lecionar antes de 2003

provavelmente sentiram uma mudança no currículo em função da lei 10639/03. Assuntos como a relação cultural entre África e Brasil, a escravidão e a história africana a partir de seus próprios referenciais permitiram a compreensão das relações instaladas em nossa cultura.

Para ilustração das próximas perguntas serão disponibilizados tópicos do assunto e algumas respostas dos entrevistados

- Dificuldades e desafios em relação a lidar com as questões étnico-raciais na prática docente

a)

O maior desafio é romper com a mentalidade e ideologia racista impregnada na sociedade e expressa desde as pequenas questões até os atos mais explícitos.

Figura 1 – Resposta da questão 12

Legenda: “O maior desafio é romper com a mentalidade e ideologia racista impregnada na sociedade e expressa desde as pequenas questões até os atos mais explícitos.”.

b)

Acontecem determinadas situações de claro preconceito que são difíceis de serem resolvidas.

Figura 2 - Resposta da questão 12

Legenda - “Acontecem determinadas situações de claro preconceito que são de difíceis de serem resolvidas.”.

c)

A dificuldade maior é em relação aos próprios alunos em relação aos colegas de cor conscientizados de que todos são iguais, sem distinção de cor ou raça, e que racismo no Brasil é crime inafiançável.

Figura 3 - Resposta da questão 12

Legenda – “A dificuldade maior é em relação aos próprios alunos em relação aos colegas de cor conscientizados que são iguais, sem distinção de cor ou raça, e que racismo no Brasil é crime inafiançável .”

d)

O não entendimento por parte de muitos docentes, por parte dos alunos e familiares.

Figura 4 - Resposta da questão 12

Legenda – “O não entendimento por parte de muitos docentes ,por parte dos alunos e familiares.”

e)

Conscientizar os alunos que muitas vezes vêm com uma formação pronta, e chegam a recusar o trabalho de esclarecimento e conscientização.

Figura 5 - Resposta da questão 12

Legenda – “Conscientizar os alunos que muitas vezes vêm com uma formação pronta e chegam a recusar o trabalho de esclarecimento e conscientização.”.

- O já foi alcançado, no âmbito educacional, como forma de construção de igualdade racial.

a)

A cada ano que passa parece que essas abordagens têm sido feitas nas escolas de forma mais contínua, apesar da necessidade de avançar ainda mais. Além disso, as políticas afirmativas vêm crescendo e paulatinamente superando as visões desconfiadas, apesar das polêmicas ainda existentes.

Figura 6 - Resposta da questão 13

Legenda – “A cada ano que passa parece que essas abordagens têm sido feitas nas escolas de forma mais contínua, apesar da necessidade de avançar ainda mais. Além disso, as políticas afirmativas vêm crescendo e paulatinamente superando as visões desconfiadas, apesar das polêmicas ainda existentes.”

b)

Acontecem alguns projetos no decorrer do ano, mas o maior foco é no dia da Consciência Negra.”

Figura 7 - Resposta da questão 13

Legenda – “Acontecem alguns projetos no decorrer do ano, mas o maior foco é no dia da Consciência Negra.”

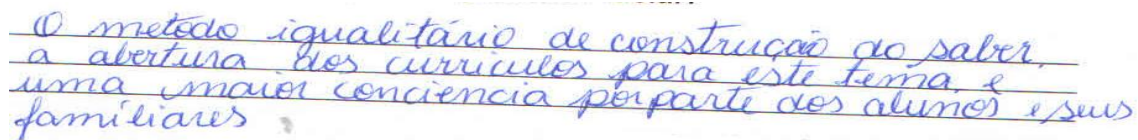
c)

Hoje há uma conscientização maior da parte dos alunos com o trabalho e projetos no âmbito educacional.

Figura 8 - Resposta da questão 13

Legenda – “Hoje há uma conscientização maior da parte dos alunos com os trabalhos e projetos no âmbito educacional.”

d)

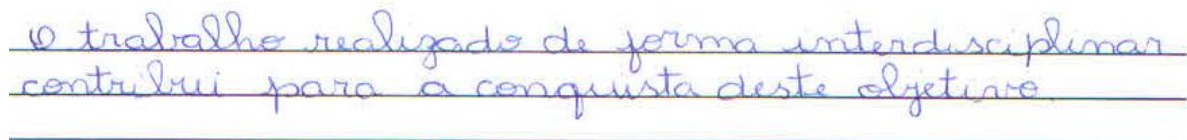


O método igualitário de construção do saber, a abertura dos currículos para este tema é uma maior consciência por parte dos alunos e seus familiares.

Figura 9 - Resposta da questão 13

Legenda – “O método igualitário de construção do saber, a abertura de currículos para este tema é uma maior consciência por parte dos alunos e seus familiares.”

e)



O trabalho realizado de forma interdisciplinar contribui para a conquista deste objetivo.

Figura 10 - Resposta da questão 13

Legenda – “O trabalho realizado de forma interdisciplinar contribui para conquista deste objetivo.”

Trabalhar igualmente as diferenças não é uma tarefa fácil para o professor, porque para lidar com elas é necessário compreender como a diversidade se manifesta e em que contexto. Portanto, pensar uma educação escolar que integre as questões étnico-raciais significa progredir na discussão a respeito das desigualdades sociais, das diferenças raciais e outros níveis e no direito de ser diferente, ampliando, assim, as propostas curriculares do país, buscando uma educação mais democrática. O professor junto à equipe escolar deve combater a qualquer preconceito discriminatório, na desconstrução das hierarquias entre as culturas, no reconhecimento e resgate da história e cultura afro-brasileira e africana, proporcionando condições para construção da identidade étnico-racial brasileira.

Dentro dos objetivos do estudo em Gênero e Diversidade na Escola está o reconhecimento de que a política não se limita ao Estado, instituições ou órgãos governamentais, mas sim em toda sociedade. Para a democratização da sociedade e para promoção dos direitos humanos deve-se refletir que está nas mãos da escola, enquanto espaço que reúne a diversidade, levar a reconhecer, compreender e respeitar efetivamente a diversidade em todos os sentidos.

Diante desses fatos, e no que foi exposto pelos professores no questionário, é possível entender que é preciso de profissionais da educação mais flexíveis e maduros, que sejam capazes de transformar, modificar e inovar o processo de ensino e aprendizado. Para Gomes (2002.p.107) “a descolonização do currículo implica conflito, confronto, negociações e produz algo novo. Ela se insere em outros processos de descolonização maiores e mais profundos, ou seja, do poder e do saber”

A primeira iniciativa a ser construída, então, é a cooperação da equipe de trabalho no desenvolvimento das políticas educativas e práticas pedagógicas. “Esse processo resulta na construção de projetos educativos emancipatórios e, como tal, abriga um conflito” (GOMES, 2002, p.107). Para tanto, o trabalho com projetos:

“(…) rompe com as fronteiras disciplinares, tornando-as permeáveis na ação de articular diferentes áreas de conhecimento, mobilizadas na investigação de problemáticas e situações da realidade. Isso não significa abandonar as disciplinas, mas integrá-las no desenvolvimento das investigações, aprofundando-as verticalmente em sua própria identidade, ao mesmo tempo, que estabelecem articulações horizontais numa relação de reciprocidade entre elas, a qual tem como pano de fundo a unicidade do conhecimento em construção” (ALMEIDA, 2002, p.58).

3.2 Uso de projetos.

Para entender melhor os alunos e a realidade da Escola Estadual Doutor Napoleão Salles, e ainda mostrar como trabalho de projetos é importante dentro do ambiente escolar, foi desenvolvido, junto aos professores, uma sequência de atividades com o tema “Dia Nacional da Consciência Negra”. Nesse pressuposto, é importante destacar, que esta proposta ação foi desenvolvida antes da aplicação do questionário, como forma de observar como professores e alunos são envolvidos pelo assunto. Segue a descrição do projeto desenvolvido e considerações finais sobre a atividade:

Identificação: Projeto Pedagógico: Dia Nacional da Consciência Negra

Escola realizada: Escola Estadual Dr.Napoleão Salles

Duração: 16/11/2015 a 20/11/2015

Turma: 8º ano

Turno: Vespertino

Objetivos:

- Conhecer um pouco sobre a história da comemoração do Dia Nacional da Consciência Negra;
- Desenvolver a conscientização sobre a valorização e igualdade racial;
- Reconhecer a trajetória dos negros na história do Brasil;
- Conhecer parte da cultura africana;
- Realizar pesquisa usando a internet e suas ferramentas.

Desenvolvimento:**1ª Etapa**

Fazer uma roda com os alunos e apresentar aos alunos uma explicação por alto do que venha ser a Lei 10.639, para que eles saibam que o estudo da cultura africana e cultura afro-brasileira é garantido por lei. Procurar despertar no aluno a curiosidade sobre estas culturas, discutindo a importância dos negros.

2ª Etapa

Em seguida, dividir a turma em grupos, usando a internet e suas ferramentas de pesquisas procurarem frases e imagens para montar cartazes. Será entregue para os grupos folhas de papel cartão e folhas com linhas para que eles possam transcrever as informações encontradas. Os alunos devem montar um cartaz para ser apresentado para toda turma.

3ª Etapa

Pesquisar na internet a origem do Dia Nacional da Consciência Negra, palavras de origem africana e os principais marcos da luta para abolição da escravatura no Brasil. Após pesquisa explicar como se faz um Folder e propor a construção de um com o tema “Consciência Negra”. Para tanto seguirá o aluno seguirá a seguinte ordem:

1º Capa com título e arte

2º Resposta: Por que dia 20 novembro é comemorado dia da Consciência Negra?

3º Calendário com as principais datas para libertação dos escravos no Brasil

4º Glossário com palavras de origem africana

5º Resposta: Por que não devemos ser racistas?

6º Participantes, poema relacionado a luta dos negros.

Avaliação

A avaliação será feita no decorrer das atividades propostas. Portanto, tanto o debate, quanto a confecção do cartaz e a pesquisa realizada servirão como meio de avaliação sobre as mudanças ocorridas no pensamento dos alunos, ou seja, o que os alunos pensavam antes da atividade e o que eles pensam agora, após o debate, em relação à questão étnico-racial.

Conclusões da atividade

O ensino de história na atualidade deve estar atento à questão ligada à diversidade cultural, principalmente em um país como o Brasil, que é multicultural. Assim sendo, a escola é o melhor lugar para se debater e criar nova consciência a respeito do tema seja no dia da Consciência Negra ou no cotidiano escolar.

Observa-se, que alunos e professores, entendem que no início da história, o negro brasileiro aparece como pobre; sendo que hoje na política encontramos algumas que se destacaram na luta contra o racismo, analisa-se ainda que o negro não conquistou o valor que merece, já que este, segundo Silva (2003), é a base de apoio para o país, pois carrega as tarefas mais pesadas constituindo a identidade do povo brasileiro.

Coordenação escolar e professores, em uma reflexão final, entenderam que a abordagem étnico-racial deve ser para a valorização não somente em datas comemorativas, mas enquanto houver oportunidades. Com reflexo a essa questão, os professores, dias depois, com os questionários, puderam ser verdadeiros em suas colocações quando o assunto era realização de projetos e lei 10639/03. Assim sendo, o presente trabalho ampliou a visão como seres humanos que precisam dilatar sua visão para com a questão étnico-racial.

Trabalhos prontos

Cartaz



Foto 3

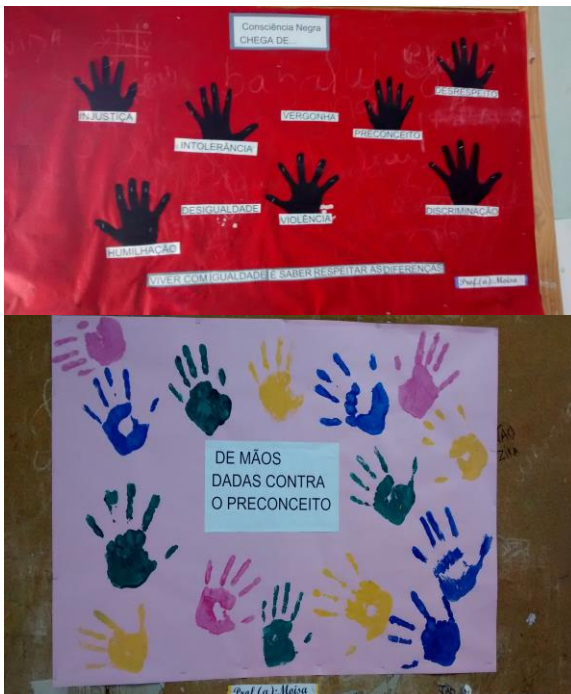


Foto 4

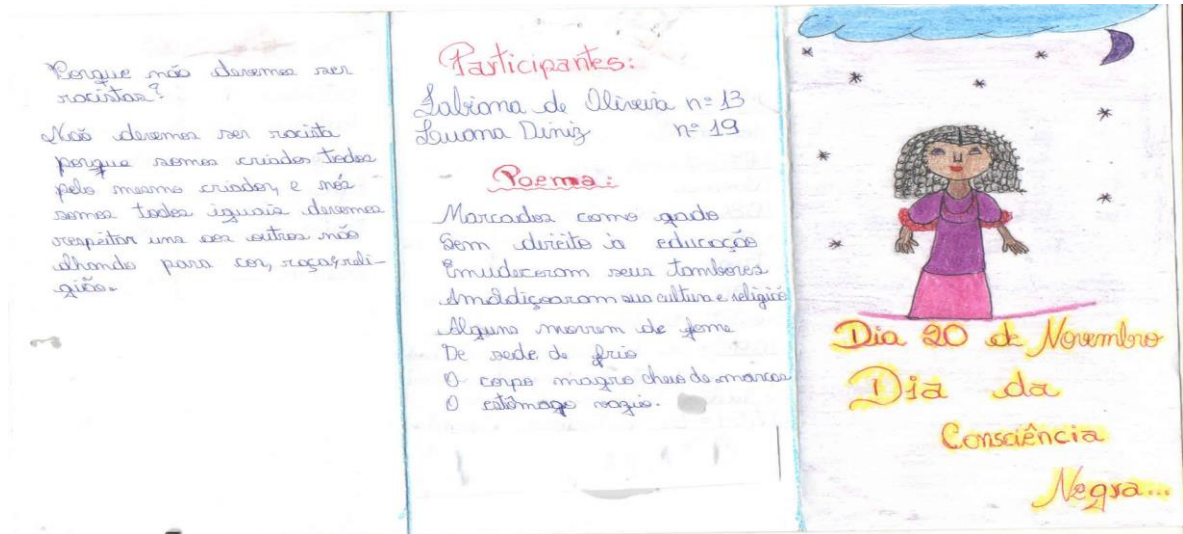


Figura 11 – Folder/Frente

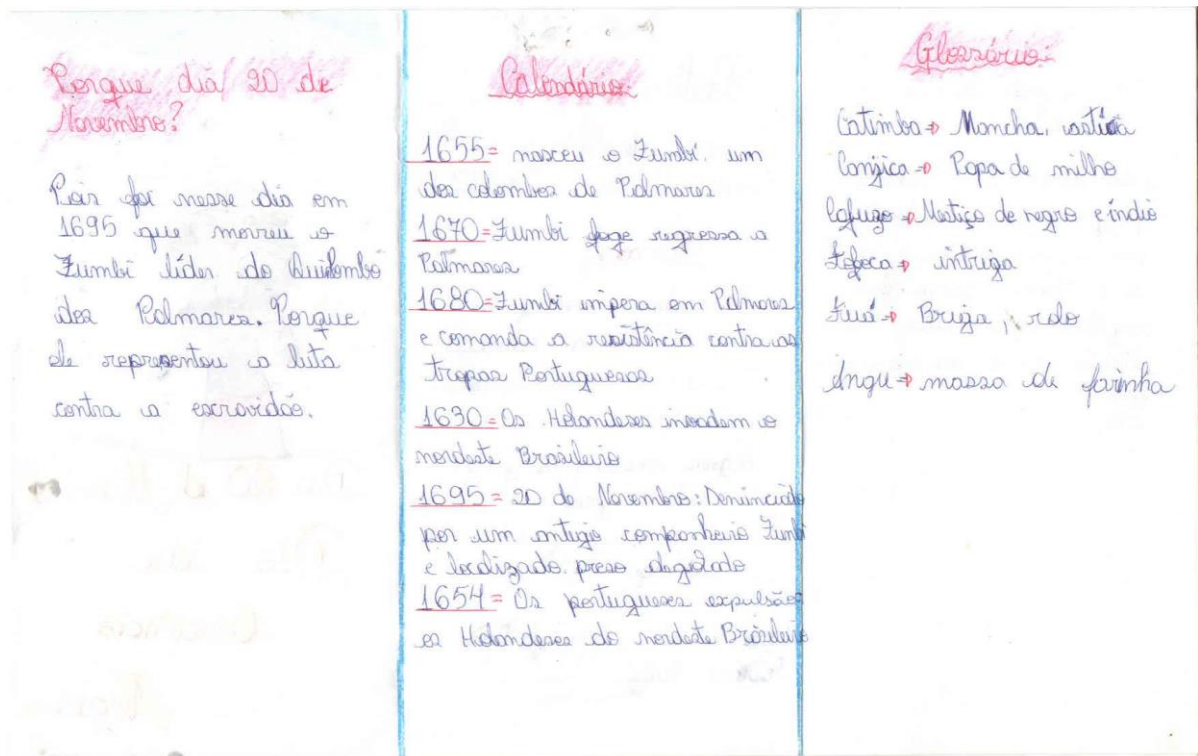


Figura 12 – Folder /Verso

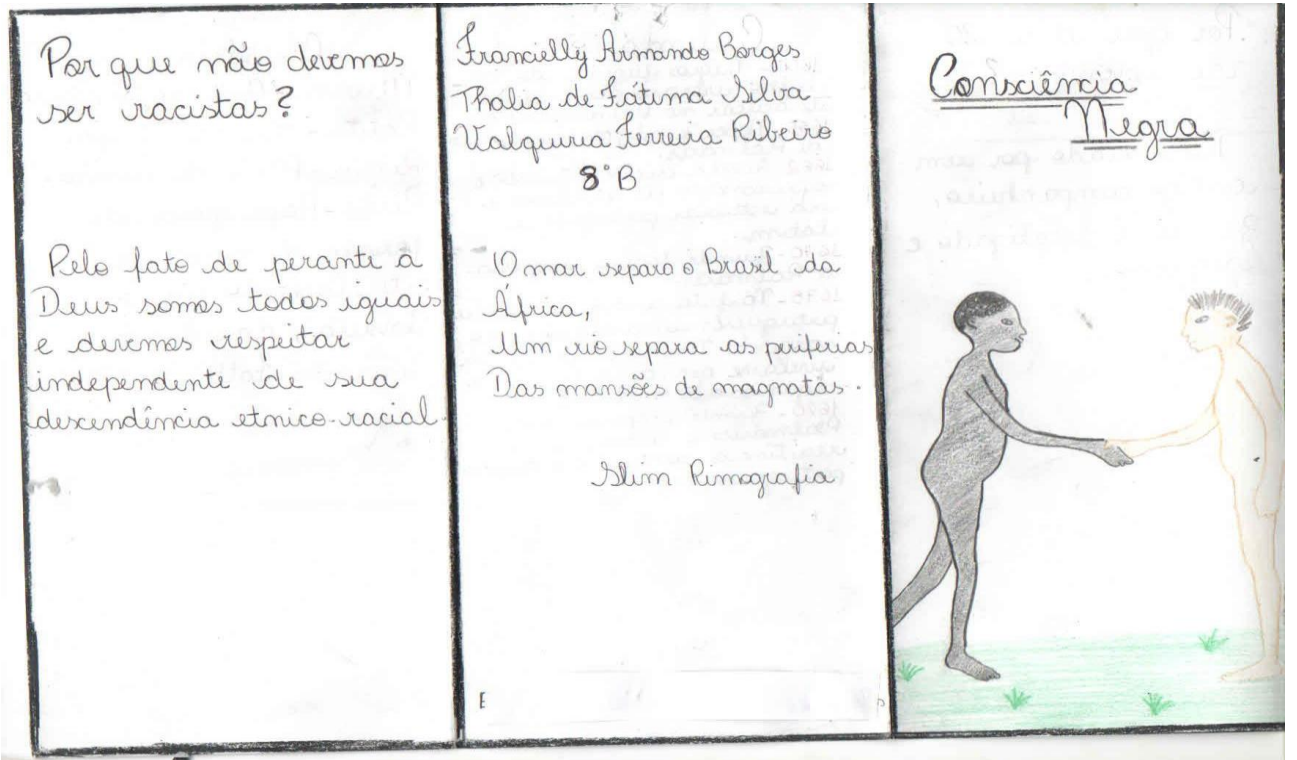


Figura 13 - Folder/Frente

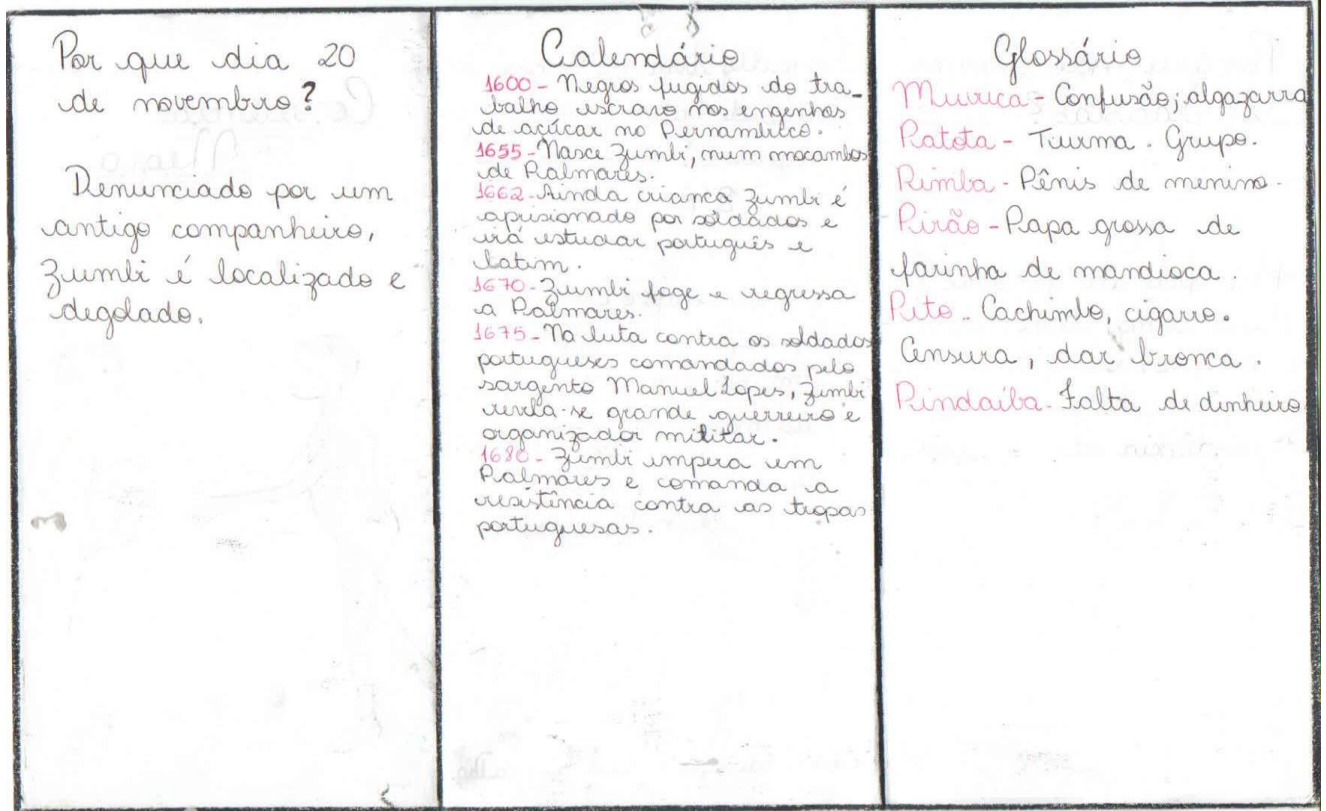


Figura 14 - - Folder /Verso

Considerações finais.

Com tantas diversidades de alunos, a educação hoje se encontra em uma situação desafiadora em relação ao aprendizado. Observa-se que a interação existente entre professores e alunos a cada dia se torna mais difícil, pois o senso comum e o próprio profissional da educação mudaram o significado e sentido de licenciar. Foram muitos fatos que geraram esta mudança como, por exemplo, as excessivas cargas horárias de trabalho e baixos salários; mas que não justificam a falta de compromisso com o outro, que necessita desenvolver as funções psíquicas superiores; aliado ao conhecimento científico e cotidiano.

Este trabalho teve como objetivo analisar como o professor pode ser aproximador nas práticas pedagógicas cotidianas, principalmente, quando analisado a história do negro na sociedade brasileira e discutido o papel do docente sobre a diversidade étnico racial presente na escola, junto da lei nº 10.639/03. Nesse processo, foi importante destacar, o conceito de raça, pois na maioria da sociedade brasileira, o termo é entendido como hierarquias, questões sociais, e não como realmente é, um fator biológico.

Dessa forma, percebe-se que a escola é movida pela coletividade e alunos e professores devem ter uma interação motivadora dentro de sala de aula para ambas as partes. O professor precisa despertar no aluno a necessidade, por meio de gestos e ações de afetividade e emoção. Para tanto, a afetividade deve acontecer por comportamentos posturais e através de conteúdos verbais. É importante o incentivo, atenção nas formas de se expressar, como o toque, olhares, modulações de voz e manifestações de carinho e elogios.

Assim analisa-se, que a construção da autoestima e da autoconfiança influi no processo de aprendizagem. Interações permitem algo positivo ao conhecimento, favorecendo também na autonomia e confiança dos alunos em suas decisões e capacidades.

Por meio dessas, foi possível refletir, que o professor, hoje, tem dúvidas se a docência é vocação ou profissão; nessa perspectiva, foi diagnosticada a limitação do trabalho da história e da cultura afro-brasileira e africana; observando-se que há uma limitação ao dia da Consciência Negra e outras datas comemorativas. As dificuldades desses profissionais, em trabalhar essa diversidade, parte da falta de uma capacitação, e de muitas vezes da falta de tempo, já que trabalham o dia todo e há pouco espaço para um planejamento adequado à temática. Em contrapartida percebeu-se que os novos cursos de licenciatura estão tendo uma maior abordagem sobre o tema, como foi salientado por um dos professores entrevistados.

Assim, a Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, da Universidade Federal de Minas Gerais, é uma iniciativa para desenvolvimento de novas perspectivas sobre temas que envolvem as questões étnicas raciais.

Enfim, está nas mãos da escola enquanto espaço que reúne a diversidade, levar a reconhecer, compreender e respeitar efetivamente a diversidade em todos os sentidos. Ensinar não é somente entrar em uma sala de aula e pedir para abrir o livro e começar a “jogar” informações ao aluno, é entender cada um e perceber as limitações existentes. Neste sentido o professor deve ficar atento ao aluno, sujeito que tem capacidade de ação, de progredir e alcançar a aprendizagem, usufruindo de sua inteligência, criatividade, julgamento e avaliação.

Referências

- ALMEIDA, M.E.B. de.. Educação, projetos, tecnologia e conhecimento. São Paulo: PROEM, 2002.
- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1984.
- BAHIA, Norinês Panicacci. **Formação de professores em serviço: fragilidades e descompassos no enfrentamento do fracasso escolar**. Vol. 35, n. 2, 2009, p. 317-329. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151797022009000200007&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 15 de outubro de 2015
- BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. Em NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (orgs.) Escritos de Educação. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.
- BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos – a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003.
- CARVALHO, Marília Pinto. **O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça**. *Cad. Pagu* [online]. 2004, n.22, pp. 247-290. ISSN 1809-4449. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a10.pdf>> Acesso em: 02 de fevereiro de 2016.
- CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2000.
- CATANI, Denice. **Estudos de história da profissão docente**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (Orgs.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- CUNHA, Beatriz Belluzzo Brando; SIRINO, Marisa de Fátima. **Repensando o fracasso escolar: reflexões a partir do discurso do aluno**. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED. 25, 2002, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPED, 2002. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/25/marisafatimasirinot13.rtf>>. Acesso em: 15 de outubro de 2015
- DURKHEIM, É. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo, Martins Fontes, 2007
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GOMES, Nilma Lino. **Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.
- GONZÁLEZ REY, F. **Las categorías de sentido, sentido personal y sentido subjetivo en una perspectiva histórico-cultural: un camino hacia una nueva definición de**

subjetividade. In: Universitas Psychologica, Colombia: Pontificia Unifersidad Javeriana, Vol. 9, No. 1, Janeiro-abril, 2010^a

_____. **Sujeito e subjetividade.** São Paulo:Thomson, 2003.

LIBÂNIO, José Carlos. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** São Paulo: Cortez, 2003.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, em 5 nov. 2003.

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente.** In: NÓVOA, A. (coord.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p. 15-34 .

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de;ALVES, Paola Biasoli. **Ensino fundamental: papel do professor, motivação e estimulação no contexto escolar.** Ribeirão Preto, Universidade de Brasília, 2005. Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2005000200010&lang=pt> Acesso em: 15 de outubro de 2015

ROCHA-TRINDADE, M. B. **Associativismo em contexto migratório,** in HORTA, Ana Paula Beja (org.). Lisboa: ACIDI, nº6, p. 39-58, 2010.

ROMÃO, José E. GADOTTI, Moacir. (Orgs.) **Educação de Jovens e Adultos: Teoria, prática e proposta.** São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2002

SPINOZA, B. (2009). **Ética** (T. Tadeu, trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado post mortem em 1677)

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno.** Anuário do GT de Psicologia da Educação. ANPED, set. 2000.

VYGOTSKI, L.S. **Formação Social da Mente: o Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **Pensamento e Linguagem.** Trad. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____.(2001b). **Pensamento e palavra.** In L. S. Vigotski. A construção do Pensamento e da Linguagem. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1934).